

Título	Ataque à música (ou a razão monstruosa de Nuno Ramos)	Autor	Joca Reiners Terron
Data	2016	Artista	Nuno Ramos
Publicação	O direito à preguiça. Belo Horizonte: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016.		

ATAQUE À MÚSICA (OU A RAZÃO MONSTRUOSA DE NUNO RAMOS)

Joca Reiners Terron

O mero fato de um artista enérgico como Nuno Ramos nomear sua individual com o título de “O direito à preguiça” é indicativo do que virá ao se cruzar o arco de entrada que conduz ao pátio oitocentista do prédio do CCBB em Belo Horizonte. Basta encarar a enorme estrutura de andaimes que cede nome à mostra, com sua intrincada construção tubular que levou quarenta e cinco dias para ser montada e testada para o espectador se deparar com a ironia dessa nomeação emprestada ao libelo publicado em 1880 por Paul Lafargue, uma defesa do direito ao ócio do proletariado francês (que cumpria então expedientes que atingiam as 12 horas diárias). O efeito “aurático” desse andaime-órgão se estende às outras peças exibidas e, em diversas delas, mais do que a santificação do pecado capital da preguiça, o que se vê é seu oposto, o fazer poético diante da instabilização da tradicional atitude estética do espectador.

De fato, o conjunto da obra do artista transpira trabalho. Caminhar por seu ateliê em uma rua repleta de oficinas mecânicas e galpões arruinados no Cambuci, em São Paulo, é suficiente para se constatar a carga irônica do título da mostra: a descomunal energia implícita em cada quadro, o labor em cada estrutura metálica, o dispêndio de força no mais mínimo desenho, esforço exterior ao resultado concreto que vibra em torno de objetos e se arrasta pelo trajeto do privilegiado visitante, a intensidade física dos gestos necessários para a sua realização. Seria fundamental refletir acerca do impacto no observador de peças tão agressivas quanto os quadros da série “Sem título” compostos de tubos de aço inoxidável, chapas de latão e cobre, plásticos, tecidos e tinta a óleo, expostos no ateliê. Ao estacar em frente de um deles, o visitante é tomado por certo pânico que se agudiza com afã interpretativo à beira do estresse: qual é o lugar daquele que observa essas instalações que retiram ao próprio espaço expositivo sua legitimidade mais consolidada, invadindo o espaço do observador?

Em Belo Horizonte, na noite do *vernissage*, as pessoas adentraram o prédio do CCBB sem atinar com a dimensão dessa armadilha: passavam sob a estrutura de tubos com ar de quem atendia ao convite em endereço errado. O pátio estaria em reforma, por que aquele andaime

Título	Ataque à música (ou a razão monstruosa de Nuno Ramos)	Autor	Joca Reiners Terron
Data	2016	Artista	Nuno Ramos
Publicação	O direito à perguiça. Belo Horizonte: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016.		

estava ali? Entre vinte e trinta de seus tubos originais foram substituídos por flautas retiradas de um órgão musical, que se confundiam visualmente à estrutura de mais de 15 metros de altura e cento e seis tubos. Disfarçava-se o perigo, e a plateia seguia desavisada. Ao erguer de taças de *prosecco*, um *software* começou a tocar em *loop* o “Samba de uma nota sóóó”, composição de Nuno Ramos com Leandro César a partir da canção de Tom Jobim e Newton Mendonça, e uma ventoinha com três foles a impulsioná-lo por meio dos tubos de andaime, até que encontrassem as flautas retiradas ao órgão ali incorporadas quase que imperceptivelmente. Enquanto o som de pesadelo roubava da canção tão conhecida do público qualquer aspecto de dócil familiaridade, o incômodo aterrissava no pátio do CCBB. Olhares de estranhamento dirigidos ao alto. O caminho das taças até a boca era interrompido pelo som ensurdecedor. Vozes que subiam para superar o obstáculo sonoro subtraindo amenidade à conversação.

A incompreensão demonstrada pelos olhares a esmo logo deu lugar à curiosidade diante da maquinação, ao interesse pelo funcionamento da máquina (William S. Burroughs: “somos máquinas”; Andy Warhol: “quero ser máquina”). Essa algaravia de vozes se incorporou à brutalidade sonora do ambiente. Em termos de fruição, a frustração da expectativa não deixa de propor igualmente uma experiência estética. Doze vezes mais lento, a composição derivada do samba de Tom e Newton Mendonça não parece ter qualquer nota reconhecida pelos presentes em seu andamento letárgico, assim como as flautas pertencentes ao órgão eram indistinguíveis dos tubos do andaime. Nesse estado de suspensão, as pessoas progressivamente rumaram ao interior do prédio como se penetrassem as dependências de Locus Solus, sem esperança nem temor.

No romance homônimo de Raymond Roussel (1877-1933), convidados visitam Locus Solus, um parque pertencente a Martial Canterel. O eminente cientista e inventor leva seus colegas a um passeio por sua propriedade, conduzindo-os de máquina em máquina cujos princípios, além da “relojaria invasiva” detectada por Roger Vitrac, seriam jogos de mecânica que se destinavam ao transbordamento poético sem desprezar os aspectos destrutivos resultantes da precisão absoluta. Talvez nesse livro de 1914 tão admirado por Duchamp, Roussel tenha estabelecido, *avant la lettre*, a ética do espectador de instalações artísticas na modernidade, procedimento adotado inconscientemente pelos convidados da mostra do CCBB ao se depararem com os dois aquários em forma de cunha criados por Nuno Ramos, uma peça inédita que lembra a proa de um navio que fendeu a parede, deformando-a de ambos os lados: a violência do resultado, indescritível em sua forma oxidada a partir de chapas de aço preenchidas pela passividade contrastante dos peixinhos que nadam conforme o alto-falante recita leilões da Christie’s das obras *Vermelho/Amarelo/Laranja*, de Mark Rothko, e *O grito*, de Edvard Munch. À crescente (e algo abstrata) contagem dos milhões de dólares do lei-

Título	Ataque à música (ou a razão monstruosa de Nuno Ramos)	Autor	Joca Reiners Terron
Data	2016	Artista	Nuno Ramos
Publicação	<i>O direito à preguiça</i> . Belo Horizonte: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016.		

loeiro é contrastado o verso da parede deformada pela proa da cunha, onde se ouve, respectivamente, a voz de Braguinha cantando a marchinha "Eu sou o pirata da perna de pau/ do olho de vidro/ da cara de mau", e a quebradiça voz de Carlos Drummond de Andrade recitando "E agora, José?". A imagem violenta da cunha é diluída em toda essa ternura, ou vice-versa, e logo o público começou a abandonar suas taças de bebida pelos cantos do CCBB. Conforme rumavam às salas contíguas, o papo diminuía. O baque foi sentido, mas seria assimilado?

Em comentário crítico ao mencionado romance de Roussel, o poeta John Ashbery comenta que "à medida que o grupo de convidados passeia pelo local, Canterel lhes mostra invenções cada vez mais complexas e estranhas. A exposição é invariavelmente seguida pela explicação, a fria histeria da primeira cedendo lugar às inúmeras ramificações da segunda".

Congelado pela histeria da exposição, o público de "O direito à preguiça" carece de explicações: Nuno Ramos não cede, aparentemente, às "inúmeras ramificações" propiciadas por elas, preterindo-as em favor das perguntas absurdas, cortantes, divertidas, indispensáveis e oportunas da performance *O templo do sol (no sé)*, na qual um ator nu deitado e coberto de pó de cal responde questões feitas pela gravação sempre com a mesma resposta, que intitula a obra: *O que fazer com a Estética da Fome de Glauber Rocha agora que os pobres parecem obesos? Quantos quilômetros de profundidade tem a fossa mais profunda? Rir diminui as chances de ter câncer? Posso enfiar até o fundo? Pedófilos são piores que alcaguetas? Alcaguetas são piores que torturadores? Hipócritas são piores que todos os anteriores?*. Em silêncio, a procissão de espectadores responde mentalmente "no sé", talvez sem considerar aquilo ressaltado por Boris Groys, de que o artista é um fornecedor de experiências estéticas, incluindo aquelas produzidas com intenção de frustrar ou modificar a sensibilidade estética de quem observa.

No caso específico de parte significativa dos trabalhos reunidos por Nuno Ramos nesta mostra, o contrário também pode ser verdadeiro, dado o teste de resistência aplicado a alguns materiais reconhecidamente pertencentes ao repertório afetivo do artista, como as canções de Nelson Cavaquinho, Braguinha e Batatinha. Marcada desde a peça de abertura por itens do cancionário popular brasileiro, exemplificado pela referida distorção do "Samba de uma nota só", a individual explora o que pode haver de antitético nas contraposições familiar/incômodo (ou preguiça/faina), extraindo o inquietante do insuspeito habitual. Em *Gangorras*, o queijo de polpa processado a partir de jornais que carregam a palavra "tempo" no nome (*El Tiempo*, *The Irish Times*, *Financial Times*, *The New York Times*, *O Tempo* etc.), ou a cachaça destilada por um trombone em oposição a vinte e quatro fotogramas do documentário de Leon Hirszman dedicado ao sambista carioca, presente na gangorra em perfeito equilíbrio (de um lado, uma caixa de som que toca "Vou partir", de Nelson Cavaquinho; no outro, Carmen Miranda canta o

Título	Ataque à música (ou a razão monstruosa de Nuno Ramos)	Autor	Joca Reiners Terron
Data	2016	Artista	Nuno Ramos
Publicação	O direito à preguiça. Belo Horizonte: Centro Cultural Banco do Brasil, 2016.		

refrão de “Lá em Cascadura”, de Assis Valente) dão tento da monstruosidade racional de Nuno Ramos diante de seus afetos mais profundos, desmontados como se uma criança desmontasse seus brinquedos prediletos para compreender seu funcionamento.

Ainda em *Locus Solus*, os convidados de Canterel são conduzidos ao mosaico de dentes com um enorme diamante feito de vidro preenchido com água onde uma dançarina flutua, e a um gato sem pelos chamado Khóng-dek-lèn. Depois de serem apresentados à cabeça mumificada de Danton, prosseguem à passagem central, a mais longa do livro: a descrição de oito curiosos *tableaux vivants* dispostos em uma enorme cela de vidro. Neles, os atores são apresentados como sendo na verdade pessoas mortas que Canterel ressuscitou com “ressurectine”, um fluido inventado por ele que, ao ser injetado em um cadáver fresco, faz com que o mesmo interprete continuamente o incidente mais importante de sua vida.

De maneira aproximada, a consciência de Nuno Ramos parece operar por vias de uma clara engenhosidade que se dispõe a objetivos quase inescrutáveis, de profundo negativismo e violência tanto sintática quanto crítica em relação ao papel do museu ou da submissão estética do artista diante da mercantilização de seu trabalho, negociando assuntos de interesse público – a abstração dos preços e da especulação, o esvanecer do tempo, e a subordinação da produção artística ao consumo da arte nos espaços tradicionais de exibição – às claras, porém por vias obscuras. A engenhosidade quase patológica dessas obras, semelhante à de Canterel, com sua mecânica perfeita, exclui o design em um mundo onde justamente o design substituiu a ideia de natureza e de Deus (novamente Groys), gerando monstros sonhados pela razão.

Em “O direito à preguiça”, o ataque de Nuno Ramos a seus afetos mais próximos, por exemplo, a música de Nelson Cavaquinho, eleva o grau de iconoclastia pessoal originado no filme *Luz negra*, de 2002 (codirigido por Eduardo Climauskas), no qual sete gigantesco alto-falantes despejando a canção “Juízo final” são enterrados em covas com seu som ligado, buscando obstruir as ondas sonoras transmitidas através da terra despejada sobre eles. *Choro negro*, de 2004, assim como *Hora da razão*, presentes na mostra do CCBB-BH, investigam os limites da veiculação da música pelas ondas do ar, dispersando elementos reconhecíveis de canções tão familiares a ponto de serem a representação simbólica da cultura que as originou. Como em testes de resistência de materiais executados em instalações anteriores, quase todas (e aqui podemos citar o breu usado nessas duas obras recém-mencionadas), desta vez Nuno Ramos testa raivosamente sua matéria-prima mais afeita, e com isso verifica também do que é feito o público (de “ressurectine”, provavelmente, e enfim revividos pelas obras expostas na mostra, os espectadores regressam às ruas da cidade com sua percepção mais aguçada).